

A mente comunicativa*

PER AAGE BRANDT

Tradução: Ana Margarida Abrantes

Per Aage Brandt foi o fundador e diretor do Centro de Semiótica da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, onde ensinou durante trinta anos. Enquanto professor de ciências cognitivas na Case Western Reserve University, criou o Centro de Cognição e Cultura e dirigiu a equipa editorial da revista **Cognitive Semiotics**. Com inúmeras publicações nas áreas de semiótica, linguística, teoria da literatura e filosofia, publicou igualmente vários volumes de poesia. Nesta entrevista, Brandt combina a sua experiência de investigação e a sua perspectiva estética na abordagem de questões acerca da natureza e desenvolvimento da semiótica cognitiva, sobre pontes possíveis entre as ciências e as humanidades e, ainda, sobre o desafio de compreender a natureza humana.

Orgs. – O Senhor é um dos precursores da semiótica cognitiva, um campo que procura estudar os processos da mente humana através da análise de instâncias de significado, quer produzido, quer percebido. O que é exatamente a semiótica cognitiva?

PAaB – A ideia fundamental subjacente à semiótica cognitiva é que o estudo da mente humana, dos seus fundamentos neurofisiológicos e neuropsicológicos,

deve ser relacionado com o estudo do significado, desenvolvido no pensamento, na linguagem, na comunicação, nas práticas sociais, nas culturas e ao longo da história da nossa espécie ‘simbólica’, desde os estádios primordiais da nossa evolução semiótica. O que haviam sido as ambições do movimento intelectual dos estruturalistas nos anos sessenta transformou-se e ampliou-se naquilo que são as ambições da semiótica cognitiva no presente. Manteve-se a perspetiva de uma transformação das ‘ciências humanas’ num conjunto de estudos do significado, na sua condição corpórea, situacional, material, mas sempre relacionado com a mente que nos ‘habita’, com a atividade mental, o imaginário, a memória, as emoções, a lógica natural, a narrativa, a poética, a retórica, a estética – em suma, a semiótica, em todas as suas dimensões. O que torna a semiótica *cognitiva* é o facto de que ela já não considera o ‘discurso’ como a sua base ontológica, mas antes pretende ir mais além, analisando a arquitetura geradora de significado da mente humana e da consciência: a cognição. A forma como pensamos e sentimos é considerada na sua relação direta com a forma como significamos – para nós e para os outros. Tudo se torna diferente, nesta perspetiva. Assim, para mim, a semiótica cognitiva não é

* Entrevista realizada por Ana Margarida Abrantes, Sandra Cavalcante e André L. Souza (Orgs.).

uma especialidade como qualquer outra no campo das disciplinas, mas é antes uma trans-disciplina, ou mesmo uma indisciplina, como recentemente sugeriu Paolo Fabbri¹ – porque ela questiona permanentemente o conhecimento local nos domínios que aborda.

Orgs. – Desde o debate lançado em 1959 por C. P. Snow sobre As Duas Culturas, houve várias tentativas de superar o fosso entre as ciências e as humanidades, na busca do conhecimento. No que respeita ao estudo da mente humana, será a semiótica cognitiva uma ponte possível? Qual é o seu lugar entre as ciências humanas e as ciências naturais?

PAaB – A contribuição cognitiva implica em particular uma abordagem nova sobre a velha questão da relação entre a natureza e a cultura na produção do significado.

O ser humano emerge biologicamente ao longo de uma evolução que inclui uma evolução semiótica, ou ‘simbólica’,² através da qual *o pensamento consciente*, um fenómeno neuronal que partilhamos com outros animais, começa a desenvolver espaços mentais autónomos e expressões articuladas destes, discretas e sintaticamente recombináveis, que nos permitem comunicar conteúdos referentes a situações tanto ausentes como presentes: estes espaços mentais são estruturas puramente semânticas, ‘teóricas’, mas ancoradas na situação concreta de comunicação. Como propõe o neuropsicólogo e filósofo

1 Comunicação oral no Seminário de Semiótica de Paris, 2013.

2 Cf. o biólogo Terrence Deacon, em sua obra **The Symbolic Species** – The Co-evolution of Language and the Brain. Nova Iorque e Londres: Norton, 1997.

Merlin Donald,³ este processo ocorre ao longo de fases diferentes, começando com os hominídeos (particularmente o *homo erectus*) e o seu reforço das competências miméticas (mímicas e gestuais), que permitem uma comunicação social mais ampla, quer técnica, quer emocional. Esta criação cultural reprograma, por assim dizer, a cognição – os processos conceptuais de categorização e esquematização, e ainda os processos agentivos e motores – para a comunicação, abrindo caminho à linguagem e às rotinas culturais, como a música ou a dança. Isto significa que as competências universais da nossa espécie são agora especificadas, ou seja, elas são ‘reescritas’ culturalmente. O significado desenvolvido culturalmente é, por isso, simultaneamente natural, pelas suas componentes conceptuais ‘universais’ subjacentes, e cultural, pelo seu perfil, ou seja, pelo uso específico e reescrito desses meios. Ao considerar estes dados ‘semiobiológicos’, evitam-se os dogmatismos respetivos, quer do culturalismo difuso (*fuzzy*), quer do universalismo tecnológico (*techie*) segundo Snow.

Orgs. – Como é que o estudo do significado contribui para a compreensão da natureza humana? Dito de outro modo, o que é que a semiótica contribui para este propósito?

PAaB – A semiótica saussuriana, baseada no signo linguístico, alinha-se claramente e até alegremente com as ciências humanas; de resto sem grande

3 Cf. **A Mind So Rare** – The Evolution of Human Consciousness. Nova Iorque e Londres: Norton, 2001.

dificuldade, quer enquanto análise crítica do discurso (político, por exemplo), quer como técnica descritiva no domínio da comunicação, tanto no campo estético como no comercial.

A semiótica pierciana classifica os sinais, ou antes tenta introduzir uma nota semiótica na filosofia analítica ou na biologia (biossemiótica). Pode dizer-se, em retrospectiva, que a semiótica ‘clássica’ mantém um perfil modesto na paisagem intelectual contemporânea, apesar de alguns avanços, e notavelmente o perfil de *uma única pessoa*: o brilhante ensaísta e romancista Umberto Eco. Sem a sua literatura, a semiótica não teria ultrapassado o muro de indiferença.

A semiótica cognitiva, por seu turno, herda naturalmente a ambição iluminista das *ciências* do Homem, uma ambição que ainda estava viva antes do desastre intelectual recente, e de resto desde o Racionalismo. A semiótica cognitiva ocupa-se do que é humano, ontologicamente, em todos os registos, a partir de todas as metodologias, as disponíveis e as que hão de vir.

As ciências humanas encontram-se presentemente numa estranha condição, após a devastação causada pelo desconstrucionismo franco-americano e pós-moderno. Parecem estar prestes a desmoronar-se pela falta de outra motivação que não a ideologia.

Nas ciências naturais, apesar dos sucessos recentes na física de partículas, tenho antes a impressão de que vivemos um período de estagnação teórica, quer na matemática, quer na física. Graças à intensificação da comunicação intercientífica, incrível do ponto de vista histórico, os resultados experimentais acumulam-se e tornam-se conhecidos globalmente a uma velocidade inebriante;

contudo, as sínteses estão ainda por fazer. Esperamos, em particular, o grande avanço das neurociências que seria a descoberta dos processos específicos por meio dos quais o cérebro produz a consciência, a imaginação, a memória representacional; saber *onde*, em termos anatómicos – numa dada rede celular – parece ocorrer esta produção, é interessante, mas não suficiente para saber *como* é que ela se processa. Como é que experienciamos o conteúdo mental como realidade que ocorre fora de nós, no mundo do nosso corpo? A experiência filosoficamente famosa de estar-no-mundo (*being-in-the-world*) deve-se provavelmente a uma projeção fabulosamente complexa nas fontes dos nossos dados sensoriais.

A neurobiologia da cognição é evidentemente um domínio que afeta primariamente a psicologia e a psiquiatria (e, porque não, a psicanálise), mas é igualmente de interesse para todas as disciplinas que estudam as relações entre o corpo, a linguagem, e a vida intelectual e emocional. Dado tratar-se de um interesse particularmente sensível, há uma preocupação ética que se coloca e que continuará a colocar-se de forma mais intensa: quais são os benefícios e os maus usos possíveis relacionados com a aplicação de tal conhecimento? Iremos assistir a uma ciência natural normativa (porque inerentemente ética, de certa forma) pela primeira vez na história das ideias? Neste caso, a semiótica cognitiva articula-se sem grande dificuldade com o novo paradigma neurocientífico, dado que a sua posição e as suas tarefas estão já situadas neste campo, comparável à posição clássica da medicina (desde logo normativa e eticamente comprometida).

Orgs. – Este número da revista *Scripta* tem o título: Linguagem, Discurso e Cognição. Do seu ponto de vista, como é que a semiótica cognitiva se relaciona com a linguística cognitiva?

PAaB – O ‘cognitivismo’ de primeira geração era simbólico, no sentido em que se supunha que a mente funcionava pelo encadeamento de símbolos abstratos. A máquina de computação de Alan Turing – o pai dos computadores programáveis modernos – era entendida como uma boa metáfora para representar os processos reais do pensamento humano (porque ela ‘calculava’). Nessa altura, a semiótica correspondente seria a de máquinas de cálculo, em particular os robôs (Luc Steels): uma semiótica de máquinas. De resto, continua viva e de boa saúde. Podemos relacionar a linguística de Noam Chomsky com esta primeira geração, no sentido de uma correspondência entre a sua teoria simbólica de uma sintaxe generativa e a ideia ‘cognitivistá’ do significado. A semiótica, europeia ou americana, era igualmente ‘simbolista’, porque considerava o signo linguístico (a palavra) como um símbolo, nada mais, e a sintaxe como um mecanismo linear comparável a uma equação. Hoje percebemos que esta concepção é insuficiente para dar conta dos processos sintáticos reais.

A segunda geração cognitivista, nos anos setenta e oitenta, por seu turno, admite representações *icônicas*, especialmente sob a forma de metáforas e de categorias não definidas, constituídas através de protótipos. Ela admite ainda a existência de uma semântica esquematizante, feita de diagramas mentais parcialmente simbólicos, parcialmente icônicos

(Lakoff, Langacker, Talmy, Sweetser), começando, assim, a surgir uma *sintaxe semântica* de categorias esquematizadas. Esta versão é, naturalmente, compatível com a semântica estrutural da École de Paris, ainda que esta relação nem sempre seja reconhecida; a correlação especial, ou antes o paralelismo, entre as escolas americana e francesa, por exemplo na análise da semântica modal (o significado de verbos e substantivos modais), deu lugar ao desenvolvimento de uma *semiótica dinâmica* na Dinamarca nos anos oitenta. Contudo, as ciências cognitivas continuaram centradas no significado atribuído à percepção, não tendo ainda reconhecido a importância do significado na comunicação intersubjetiva, social, ou seja, a cognição corporealizada (*embodied*) no elemento social. Deixara na sombra a dimensão pragmática da cognição, uma dimensão que em Greimas, por exemplo, surge no modelo da chamada ‘trajetória generativa’ (*le parcours génératif*) ao nível de superfície discursiva.

A *semiótica* cognitiva, que se ocupa da atividade expressiva em contextos socioculturais, constitui assim uma terceira geração de estudos cognitivos. Vejamos um exemplo disso: a dêixis, que consiste em apelar a um outro, em dirigir-se a ele e especificar o modo enunciativo deste apelo – por exemplo, volitivo, interrogativo, instrutivo ou afetivo – é um gesto significante crucial a toda a comunicação e mais fundamental do que qualquer outro tipo de signo; é, na verdade, a base da função simbólica do signo.

Em termos cognitivos, a ‘invenção’ do gesto dêítico aumenta a capacidade humana de dirigir a atenção inteiramente para a *atenção do outro*, em vez de para

um objeto referencial, e inversamente, de chamar a atenção do outro para a nossa.⁴

Esta é a minha perspectiva pessoal sobre isto: ainda que este fenómeno expressivo seja dual e não implique diretamente mais do que dois sujeitos, torna-se triádico pela sobreposição de um terceiro elemento, que consegue orientar a sua atenção para a atenção que o primeiro sujeito leva à atenção do segundo, ao chamá-lo: $S3 \rightarrow (S1 \rightarrow S2)$; é aqui que o gesto se fixa ou formaliza e se torna um signo simbólico impessoal e autónomo, desligado da intersubjetividade dual, agora transportável e suscetível de ser aprendido por uma comunidade. Os pronomes pessoais – *eu, tu ele, ela, nós, eles...* – baseiam-se neste jogo triádico de atenções, do qual são um vestígio. Na sua análise da representação de sujeitos em comunicação na linguagem, Émile Benveniste⁵ baseou-se na pessoa morfológica, que está sempre de certa forma relacionada com a dêixis, tal como estão também os pronomes pessoais.

Orgs. – O nosso pensamento tem uma estrutura dialógica? A comunicação faz parte do pensamento?

PAaB – Nós ‘pensamos para nós mesmos’ quando experienciamos a chamada corrente de pensamento (*stream of consciousness*). Em vez de uma corrente, pode comparar-se esta experiência a uma sequência rítmica de frases musicais. Em geral, os nossos pensamentos são

parcelas organizadas de significado e são implicitamente pré-dirigidas a uma pessoa que conhecemos – temos ideias *para* os outros; assim, o pensamento é intencional não apenas no sentido de ser dirigido *a* alguma coisa, mas também por ser construído *para* alguém. Este fenómeno reflete-se na linguagem. As orações relativas, por exemplo, são o retomar ou a antecipação do pensamento do outro, e algo semelhante ocorre em todos os outros casos de subordinação sintática (*clausal embedding* ou integração de orações). As frases clivadas insistem num aspeto da ideia não clivada que o interlocutor supostamente ainda não entendeu – ler uma página da prosa de Jacques Lacan é suficiente para perceber o que quero dizer. Toda a prosa argumentativa é construída frase por frase em torno de contra-argumentos implícitos. Afirmaria mesmo que até a própria relação predicativa entre sujeito e predicado é dialógica; uma destas entidades categoriais – sujeito ou predicado – é assinada pelo falante, a outra pelo ouvinte.

O fenómeno dialógico está, a meu ver, intimamente relacionado com a estrutura de espaços mentais na mente: refiro-me ao “modelo de Aarhus” (veja-se adiante BRANDT; BRANDT, 2005).⁶

Sugeriria que se observasse que um dos espaços de entrada (*input spaces*) frequentemente ‘pertence’ à primeira pessoa e o outro à segunda pessoa,

4 Cf. OAKLEY, Todd. **From Attention to Meaning**. Explorations in Semiotics, Linguistics, and Rhetoric. Bern: Peter Lang, 2009.

5 BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966.

6 BRANDT, Line; BRANDT, Per Aage. Making sense of a blend. A cognitive-semiotic approach to metaphor. **Annual review of Cognitive Linguistics**, v. 3. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins, 2005. Veja-se ainda BRANDT, Per Aage. **Spaces, Domains, and Meaning**. Essays in Cognitive Semiotics. Berna: Peter Lang, 2004.

enquanto o esquema de relevância vem de uma instância na terceira pessoa; assim, a enunciação pode bem ser o terreno direto de construção de todas as formações de integração conceptual. Note-se, porém, que o ‘diálogo’ pode sugerir que apenas a primeira e a segunda pessoas estão envolvidas; as instâncias de terceira pessoa são cruciais para todas as funções simbólicas estáveis. ‘Triálogo’? (A sugestão é de Esther Pascual).⁷

Orgs. – Um contributo importante do seu trabalho em semiótica cognitiva para a linguística cognitiva e as ciências cognitivas foi a versão “de Aarhus” da teoria da integração conceptual ou *blending* (assim designada por ter tido origem no Centro de Semiótica de que foi Diretor na Universidade de Aarhus). Qual é a principal diferença entre a visão semiocognitiva da integração conceptual e a teoria proposta por Gilles Fauconnier e Mark Turner?

PAaB – A teoria cognitiva dos espaços mentais e da integração conceptual (Fauconnier e Turner)⁸ apresentou a ideia de que pensamos em parcelas de significado, mais como cenários do que como objetos. Este é já um passo muito importante. Estas parcelas, ou espaços mentais, podem ser bastante independentes, do ponto de vista semântico, mas é possível ir de um destes espaços para outro seguindo os chamados ‘geradores de espaços’ (*space-builders*), na realidade *significantes* que

são parte dos cenários, mas ligados a outros espaços aos quais se referem, ou que na realidade *significam*.

Podemos manter vários espaços mentais na nossa mente em simultâneo, e estes autores descobriram que usamos muitas vezes essa capacidade para extrair partes dos diferentes espaços e para as projetar para um outro espaço onde se integram e formam um novo significado. Esta é a descoberta essencial e é certamente importante. A partir dela, o modelo de Aarhus avança três novos passos: 1) explicita o espaço mental de onde surgem os espaços de entrada (*input spaces*): em vez de OVNI’s à deriva, estes espaços são eles próprios significados a partir do espaço de base de uma comunicação situada; 2) construímos grandes quantidades de integrações ou *blends* e fazemo-lo incessantemente, mas a maior parte desmorona-se imediatamente devido à sua falta de relevância – um *blend* tem de ser estabilizado por esquematismos a partir do espaço de base, isto é, do contexto presente – que pode tornar uma nova construção significativa na situação da sua produção; 3) os processos de integração ocorrem sempre em redes, e estas têm um formato canónico que permite a construção de redes maiores, possibilitando ao destinatário completar e antecipar o sentido do que é assim significado. Um desenvolvimento recente desta discussão pode ser visto em Line Brandt, 2013.⁹ Como a autora demonstra, através da introdução da noção e do estudo da enunciação, a semiótica – ou antes, a semiolinguística – dá um contributo importante para a compreensão da dimensão intersubjetiva e social da comunicação.

7 PASCUAL, Esther. **Imaginary Dialogues: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts.** Utrecht: LOT, 2002.

8 Na sua formulação definitiva, em FAUCCONNIER, Gille; TURNER, Mark. **The Way We Think.** Nova Iorque: Basic Books, 2002.

Com a transformação da Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual numa teoria dos processos cognitivos ancorados em espaços de base semióticos, que determinam as interações significantes e as suas condições situacionais, emocionais, institucionais, sociais, culturais, fenomenológicas, cognitivas, fisiológicas e físicas, a investigação alcançou uma nova etapa, creio.

A propósito, eu reservaria agora a designação “integração conceptual” para a integração de *qualia* em objetos, objetos em situações, situações em noções, noções em emoções – na *arquitetura mental* estratificada do significado.¹⁰

Devo ainda acrescentar que há uma incoerência estranha no modelo de ‘diamante’ de Fauconnier e Turner, com os seus dois espaços de entrada, um espaço genérico que regula os mapeamentos e o espaço de integração ou *blending*. Esta teoria admite espaços múltiplos. Mas há um problema com múltiplos espaços de entrada. O que acontece aos mapeamentos? Assim, com quatro espaços *input* é já possível obter seis conjuntos de mapeamentos duais entre espaços, e por isso seis espaços genéricos, ao todo onze espaços (4 + 6 + 1), e uma confusão caótica de ‘projeções seletivas’ para o décimo primeiro, o *blend*. Este caos não funcionará em processos reais de integração na produção de significado. Experimentem-se cinco *inputs*: dezasseis espaços..., e ainda sem

9 Cf. BRANDT, Line. **The Communicative Mind**. A Linguistic Exploration of Conceptual Integration and Meaning Construction. Cambridge: Cambridge Scholars, 2013.

BRANDT, Per Aage, **The Music of Meaning**. New Essays in Cognitive Semiotics, a sair em 2014.

qualquer ancoragem num espaço de base. O que penso que acontece nos nossos processos semânticos é uma integração aberta de redes formatadas em espaços em outras redes formatadas; grande parte destas redes – quando múltiplos espaços de entrada estão ligados – não são naturalmente construídas *online*, mas antes pre-estabelecidos e estão simplesmente disponíveis. Uma integração assim organizada será tão inteligível como a integração de orações em frases.

Orgs. – Com dois centros nas universidades de Lund e Aarhus que têm o nome da disciplina, a semiótica cognitiva parece ser um campo escandinavo por excelência. O que considera ser a especificidade deste campo e o seu futuro geográfico e disciplinar?

PAaB – A área cultural escandinava tem uma longa tradição de orientação dupla, tanto anglo-saxónica como ‘continental europeia’. Do ponto de vista da filosofia, tanto analítica como hermenêutico-fenomenológica. Assim, as contradições são frequentes, por vezes violentas e muitas vezes produtivas na academia nórdica. Na linguística e nos estudos literários, o formalismo russo e checo e o estruturalismo francês foram aqui muito fortes. O Círculo de Linguística de Copenhaga, fundado em 1931 por dois grandes teóricos, Viggo Brøndal e Louis Hjelmslev (que nunca concordaram em nada, no que respeita à teoria) ainda existe e publica a sua *Acta Linguistica Hafniensia*. Na Suécia, o linguista Bertil Malmberg foi uma importante inspiração para as figuras agora na liderança, como o semiótico visual Göran Sonesson. E quanto à Finlândia e aos países bálticos, onde a

semiótica está em alta? Tenho curiosidade e esperança. Para mim, Copenhaga sempre foi o lugar fulcral na paisagem científica experimental; é um lugar onde ainda se sentem as ondas da escola de Niels Bohr. Contudo, não há ali ainda semiótica cognitiva, tanto quanto sei. As humanidades de Copenhaga mantiveram-se, surpreendentemente, sobretudo desconstrucionistas e pós-modernistas, e lutam com a atualização, tal como em Paris, Liège, Bolonha... Um passado glorioso pode gerar uma certa inércia no presente.

Orgs. – Considerando o seu trabalho como poeta, há um momento em que a natureza humana já não pode ser abordada pela ciência, e em que a arte (a poesia ou a música) se torna a única forma de colocar as questões relevantes?

PAaB – Bem, a ciência cartesiana ensinamos a estudar as coisas tanto a partir de dentro (como *res cogitans*), como a partir de fora (como *res extensa*): especialmente ao estudar os atos expressivos. Assim, obtém-se a informação exterior das funções semióticas a partir da observação comparativa, mas esta abordagem é mais favorável ao lado da recepção do processo. O lado da produção só pode ser abordado por dentro, fenomenologicamente. Claro que toda a gente diz e sabe como é fazê-lo, falar, mas se *escrevermos* – e escrever é como falar em câmara lenta – teremos uma experiência totalmente diferente. A produção de significado em câmara lenta

11 A revista **Cognitive Semiotics**, criada em 2007, em Cleveland, Ohio, e cujos coeditores incluíam inicialmente Ana Margarida Abrantes, Line Brandt, Todd Oakley e editores convidados pontuais, é agora dirigida pelos grupos de semiótica cognitiva das universidades de Lund e Aarhus.

é uma experiência inestimável; *traduzir poesia* é ainda mais eficiente como ‘janela para’ o laboratório da mente.

O que é fascinante com relação a escrever ou traduzir poesia é que, ao fazê-lo, não estamos ‘a pensar’, no sentido comum do termo; estamos a escutar para dentro, e por isso não sabemos para onde vamos. A única operação ativa que resta é eliminar o que não queremos (e esta é, por si só, uma questão difícil). Os músicos também escutam para dentro e têm muitas vezes a impressão de estarem a transmitir, em vez de criar. É como ‘ter uma ideia’: não ‘criamos’ uma ideia, simplesmente a recebemos e temos, e só depois decidimos se é bem-vinda...

A investigação sobre a mente consciente e o seu conteúdo é muito difícil, e em certo sentido mais difícil do que as ciências da natureza física, porque olhar e escutar para dentro é um exercício muito exigente, inibido por todo o tipo de preconceitos. A poesia é um método para o fazer, e dar conta *online* do processo de criação de poesia seria o método ideal, mas é impossível; em vez disso, temos vários tipos de poética cognitiva que tentam recuperar este processo retrospectivamente. Contudo, fazer poesia ou poética requer um tipo e uma quantidade de sensibilidade semântica e emocional que a maioria dos bons cientistas não tem; a sensibilidade semântica pode seguramente treinar-se, mas apenas através de um processo ao longo da vida. O pai de *Alice no País das Maravilhas*, o matemático Lewis Carroll, é um bom contraexemplo e ensina-nos uma lição: se conseguirmos manter o nosso amor infantil ao absurdo (*nonsense*) puro e simples, estaremos no caminho certo para o significado.

